

Quando magoei meu amigo

“Caminhamos com passos largos ou pequenos, lentos ou apressados mas, sempre é bom palmear nossos caminhos - sejam os de agora ou de antes”.

Na época em que me matriculei não havia colégio próximo onde morávamos. A melhor oportunidade oferecida ficava a distancia de quatro quilômetros. Se uniformizados e a critério do motorista, tínhamos carona nos ônibus da prefeitura: DTC – Departamento de Transportes Coletivo. Muitas vezes o trajeto foi percorrido a pé. Pelo caminho, a pé ou de ônibus, encontrávamos colegas das mais variadas classes: da primeira a quinta seria primária. Este caminho diário em todo no ano letivo percorrido por mim era acompanhado por um amigo que morava a duas casas de distância da minha. Além de vizinhos, éramos contemporâneos, pois nascemos no mesmo ano. Nossa diferença de idade era de meses, mas ele era mais moço. Ele tinha uma leve e pequena deficiência na fala e nos procedimentos, também gaguejava quando nervoso. Só no convívio e na vivência diária na escola é que se notava este “defeito”. Logo aparecia, o que dava motivo para a prática de Billings pelos colegas de aula e do colegiado todo. Sua humildade não lhe permitia ações mais rígidas e eu com frequência o socorria. Não permitia abuso com meu amigo. No início, duraram os primeiros meses, combatendo “ataques” que surgiam e por batalhar e apanharmos juntos conquistamos respeito. Tudo terminou no primeiro semestre no primeiro dos cinco anos que estudamos juntos no mesmo colégio, ainda que em aulas distintas em determinados anos. Além deste companheirismo escolar de idas e retornos em aula ou no colégio; às tardes, após meu retorno do trabalho quando chegava mais cedo, descobríamos tempo para jogar bola ou pescar nos açudes próximos de onde morávamos. Nos domingos, com outros amigos íamos ao cinema, trocar gibis e assistir a programação. Quando estávamos no terceiro ano colegial, o SESI fez divulgação da Revista SÉSINHO. Efetuou uma promoção: para ganhar uma assinatura anual somente o mais votado em cada sala de aula receberia o prêmio. Não importava o número de votos, tinha que ser o maior número. No descortino da minha classe, neste ano estávamos na mesma aula. Não levei nenhum voto. Ganhou um menino com três votos. Um desconforto tomou conta de mim e eu não me permitia deixar transparecer. Permanecia quieto e confuso, no maior tempo. Neste dia saímos mais cedo e por consequência o trajeto de volta para casa foi a pé. Meu amigo esbanjava contentamento. Sem se conter, afirmou: “Viu? Recebi um voto. Se tu tivesses votado em mim, poderia ser eu a disputar ou ter recebido também o premio. Como não foi estipulada norma para votação, o eleito votou nele e recebeu o voto da namorada mais o meu. Então eu poderia questionar e, no empate, eu também receberia uma assinatura”. Percorremos quadras e eu a ouvi-lo, assistindo o contentamento do meu amigo. Entre tantos questionamentos por não ter ouvido em quem eu votara, permanecia com constantes questionamentos. Percorremos várias quadras até que ele não se conteve e diretamente me perguntou em quem eu havia votado. Ao que respondi: - “votei no meu melhor amigo”. Inocentemente me perguntou: “Quem é teu melhor amigo?”. Paramos e ele avidamente aguardava a resposta. Prossegui: - “Meu melhor amigo, quando me atraso, me aguarda para virmos juntos à escola, meu melhor amigo, joga bola comigo e

é meu companheiro de pesca e eu vou buscá-lo quando ele não chega no horário...” Sem ter como eu prosseguir, já com fala embargada, ele, de olhos fixos em mim, baixou a cabeça e nada disse. Estava nitidamente agastado! Pela primeira vez vi seus olhos úmidos. Ai então percebi o quanto fui perverso com meu amigo. Recuperei a altivez dando um tapa no ombro dele, indicando “tudo bem”, ele retrocou o mesmo gesto e rindo seguimos nosso caminho, bordando outros assuntos. Até meus últimos dias vou me questionar: porque feri meu amigo?

“Consertor” (Apelido que meu neto menor me deu)